

# **09 de Abril nas memórias de dois combatentes portugueses**

09 de Abril nas memórias de dois combatentes portugueses

09 de Abril nas memórias de dois combatentes portugueses

09 de Abril nas memórias de dois combatentes portugueses

09 de Abril nas memórias de dois combatentes portugueses

09 de Abril nas memórias de dois combatentes portugueses

09 de Abril nas memórias de dois combatentes portugueses

09 de Abril nas memórias de dois combatentes portugueses

09 de Abril nas memórias de dois combatentes portugueses



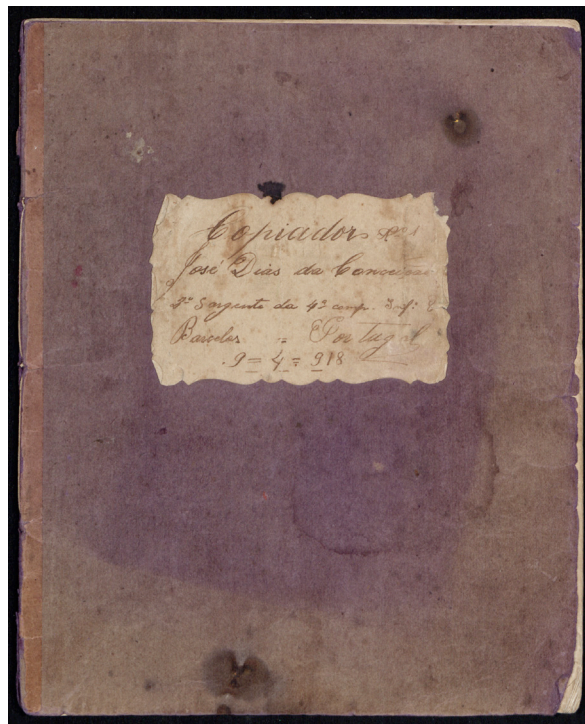


## O 9 DE ABRIL NAS MEMÓRIAS DE DOIS COMBATENTES PORTUGUESES

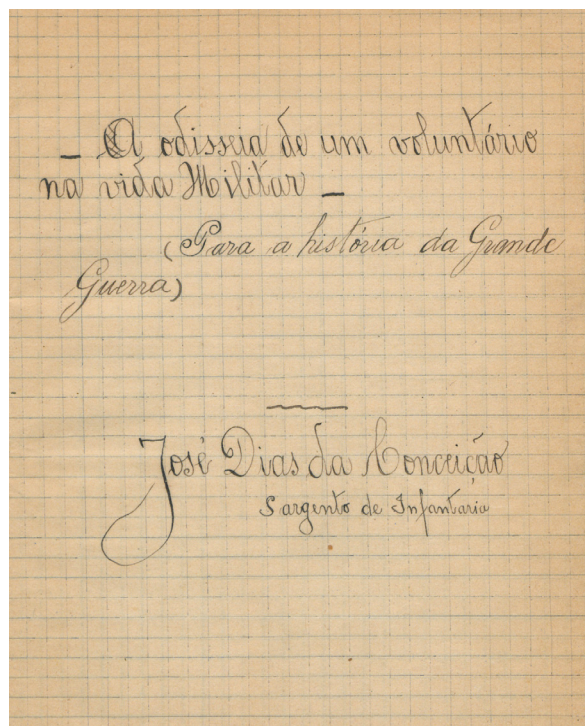
Um dos episódios mais conhecidos da participação do Corpo Expedicionário Português nas operações militares desenvolvidas na Flandres francesa foi a chamada batalha de La Lys, ocorrida em 9 de Abril de 1918. Na madrugada desse dia o exército alemão lançou uma forte ofensiva sobre o sector da “frente” defendido pelas forças portuguesas, que não conseguiram sustentar o ataque inimigo.

A batalha do rio Lys representou, pois, para Portugal, uma tremenda derrota: entre mortos, feridos e prisioneiros, as nossas baixas ascenderam a cerca de 7 000 homens, 300 dos quais oficiais; e, depois dessa data, os restos das duas divisões portuguesas foram distribuídos por unidades britânicas e ocupadas em trabalhos secundários, só voltando a ter alguma operacionalidade militar quase no fim do conflito.

Apesar disso, a batalha do Lys ficou na nossa memória colectiva pela capacidade de sofrimento demonstrada pelos nossos soldados e, sobretudo, por actos de bravura, individuais ou de grupo, que merecem ser recordados.

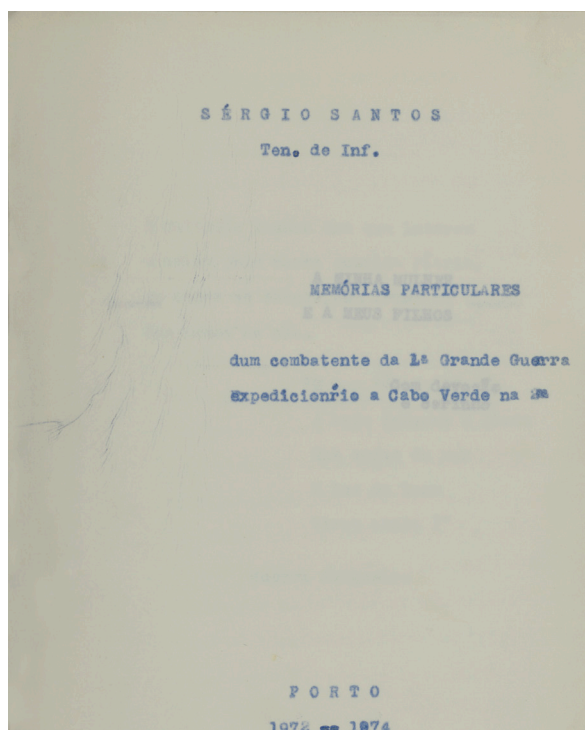


1. Caderno escrito no campo de prisioneiros de Cottbus



## 2. As memórias de José Dias da Conceição

Possuímos como património familiar as memórias inéditas, escritas por dois sargentos portugueses que viveram momentos dos mais acesos do combate. Num caderno de 1918 ("Copiador"), redigido no campo de prisioneiros de Cottbus I, no interior da Alemanha, um deles - José Dias da Conceição - descreve, ainda a quente e de forma muito impressiva, as suas vivências desse dia. Mais tarde reformulará e completará esta primeira versão num outro escrito, a que pôs o título de "A odisseia de um voluntário na vida militar - Para a história da Grande Guerra". José da Conceição é um observador minucioso, que refere datas, horas, nomes, conversas em discurso directo, factos que viveu presencialmente, emoções e sentimentos que experimentou. Dá-nos a guerra relatada na primeira pessoa.



3. Memórias de Sérgio Augusto dos Santos

As memórias deixadas por Sérgio Augusto dos Santos foram escritas bastante mais tarde, nos anos de 1972 a 1974, após ter terminado a sua carreira militar. Estão dactilografadas e intitulam-se “Memórias particulares dum combatente da 1.ª Grande Guerra, expedicionário a Cabo Verde na 2.ª”. São menos analíticas e pessoais que as de José da Conceição, talvez mais amadurecidas, sem dúvida menos espontâneas, inserindo no respectivo contexto os factos que relata e dando-nos importantes informações sobre aspectos militares, como armamento, exercícios, organização interna.

Assim, as perspectivas de José e de Sérgio são verdadeiramente complementares. A ambas recorreremos, privilegiando ora uma, ora outra<sup>1</sup>.

Sérgio Augusto dos Santos era trasmontano, natural da aldeia de Poiares, concelho de Freixo de Espada à Cinta, onde nascera a 13 de Julho de 1894. Era filho de Abílio António dos Santos, pequeno proprietário rural, e de sua esposa Maria Madalena Ferreira Coxito. Depois de ter concluído a instrução primária na escola da aldeia, passou a ajudar o pai nos trabalhos do campo. O seu sonho era tirar o curso de regente agrícola para modernizar a exploração paterna, mas o seu futuro seria outro.

<sup>1</sup> Nas transcrições a efectuar respeitaremos a ortografia dos originais e indicaremos o autor de cada texto pelas respectivas iniciais.



4. O segundo sargento Sérgio Augusto dos Santos em 1916

Em Janeiro de 1915 iniciou o serviço militar obrigatório no Regimento de Infantaria 30, em Bragança. Aí frequentou a escola de recrutas, no final da qual foi promovido a primeiro-cabo. Tendo sido suspensos os licenciamentos e obrigado, portanto, a permanecer no exército, Sérgio Santos prestou provas para 2.º sargento do Quadro Permanente, e foi com esse posto que foi mobilizado pelo Regimento de Infantaria 15, de Tomar, para seguir para França. Participou nas manobras de preparação militar no Polígono de Tancos (Setembro/Outubro de 1916), já integrado na 1.ª divisão do Corpo Expedicionário Português, que veio a deixar a barra do Tejo em 31 de Janeiro de 1917. A viagem para Brest foi efectuada em transportes ingleses, que seguiram comboiados por destroyers ingleses e portugueses.

José Dias da Conceição era minhoto, natural de Santa Maria de Galegos (Barcelos). Era quatro anos mais novo do que Sérgio Santos, pois nasceu a 7 de Junho de 1898, sendo seus pais Domingos Dias da Conceição, modesto funcionário municipal, e Elvira dos Anjos Alves Pereira. Aos dezasseis anos estava empregado no comércio como marçano, quando, segundo as suas palavras, *começou a sentir o amor pelas armas e o gosto da guerra*. Atraía-o sobretudo a marinha. Chegou a ir a Lisboa, ao Quartel de Marinheiros de Alcântara, com o fim de se alistar; porém, não tendo sido aceite, optou por assentar praça como soldado voluntário no Regimento de Infantaria 8, em Braga, a 2 de Maio de 1916, não sem antes ter completado o exame do segundo grau da instrução primária. Tinha então 18 anos incompletos. Foi em Braga e também no campo de instrução de Tancos que José fez a sua preparação militar; nas condições regulamentares foi promovido a cabo e, nas vésperas de ser mobilizado, a 2.º sargento. Foi mandado seguir apressadamente para Lisboa, antecipando-se ao grosso do batalhão por fazer parte do serviço de quartéis da respectiva companhia, sem ter tido a possibilidade de se despedir da família em Barcelos e com pena de não poder mostrar-lhe as suas novas divisas. Integrado num contingente da 2.ª



divisão do C. E. P, deixou o Tejo no dia 22 de Abril de 1917, cerca das 11 horas da noite, a bordo de um navio inglês comboiado por destroyers ingleses, numa viagem até ao porto de Brest, realizada sob o receio de um ataque dos submarinos alemães.

José Dias da Conceição chegou, portanto a França, dois meses e três semanas depois de Sérgio Augusto dos Santos.



5. Fotografia de José Dias da Conceição, em postal enviado de França a sua mãe em 1918

Uma vez em França, as tropas portuguesas iam sendo reorganizadas, para haver uniformização com a orgânica das tropas inglesas, a que estávamos adstritos. O Corpo Expedicionário Português passou a ter apenas duas divisões (a ideia inicial de uma 3.<sup>a</sup> divisão não se mostrou viável); cada divisão compreendia três brigadas de infantaria (numeradas de 1 a 6) e três grupos de baterias de artilharia, um por cada brigada; cada brigada era constituída por quatro batalhões, que conservavam os números com que vieram de Portugal (os dos respectivos regimentos de origem). A artilharia pesada ficava directamente dependente dos ingleses. Cada companhia de infantaria tinha três pelotões; por sua vez, os pelotões desdobravam-se em três secções, cada uma com dois grupos de oito homens, sendo um de atiradores, outro de metralhadoras. Cada grupo era comandado por um cabo, as secções por sargentos, os pelotões por oficiais subalternos, *quando os havia*. Sérgio Santos explica: *Para satisfazer as necessidades desta reorganização, em pessoal graduado, foi preciso fazer muitas promoções a sargentos milicianos, que se foram buscar aos primeiros cabos com melhor aptidão, sendo o quadro destes completado com a "prata da casa", que nem sempre era da melhor qualidade (S.S.).*



José da Conceição pertencia à 2.<sup>a</sup> divisão, 4.<sup>a</sup> brigada (que ficará conhecida como brigada do Minho), batalhão de Infantaria 8; Sérgio Santos à 1.<sup>a</sup> divisão, 3.<sup>a</sup> brigada, batalhão de Infantaria 15, 2.<sup>a</sup> companhia, 1.<sup>o</sup> pelotão. Como sargentos, deveriam comandar secções de pelotão. Mas algumas vezes um e outro, pela força das circunstâncias, foram forçados a assumir maiores responsabilidades.

Apesar de pertencerem a unidades diferentes e de terem chegado a França em datas distintas, os primeiros meses em solo francês foram muito semelhantes para ambos. Passaram-se ainda fora do teatro de operações, em aturada preparação militar, já que a instrução recebida em Portugal se afigurava muito insuficiente para a guerra de trincheiras que teriam que enfrentar. Mas foi também um período de adaptação à nova situação, dos primeiros contactos com os camaradas aliados e com a população civil francesa, e em que aprenderam as primeiras palavras duma curiosa linguagem, mista de português, francês, inglês, com significativos gestos à mistura – a linguagem do “pas compris”.

De Brest, os militares portugueses seguiam para a Flandres em comboios especiais organizados pelos ingleses, num percurso de dois dias *a ração fria*, como José não se esquece de anotar. Desembarcados em Aire-sur-la-Lys, ou em estação mais à retaguarda (Vizernes), seguindo nesse caso em marcha bastante penosa, os recém-chegados eram distribuídos em pequenos grupos por diversas aldeias, onde acantonavam. Os oficiais e sargentos ficavam aboletados em casas dos camponeses da região, os soldados e cabos instalados em palheiros sem condições. Porém, as refeições eram confeccionadas pelos militares em “messes” improvisadas, com os géneros fornecidos pela Administração Militar. As “messes” dos oficiais eram diferentes das “messes” dos sargentos. E chegou a haver disputas entre uns e outros por certas casas em que se comia bem. Num desses casos, vivido pelo sargento Conceição, o dono da casa tomou partido pelos sargentos, que saíram vencedores. As rações de combate eram constituídas por enlatados fornecidos pelos ingleses e, se bem que equilibradas do ponto de vista nutricional, não eram do agrado dos nossos soldados.

De uma maneira geral as relações dos militares portugueses com as famílias que os recebiam eram as melhores. Madame Scat, uma senhora viúva, até cozinhava para os rapazes, oferecendo-lhes cerveja artesanal da sua lavra; e se havia uma rapariga na família, era quase certo um namoro. Momentos e relações que serviam de escape à dureza da preparação militar a que estavam sujeitos.

As companhias mudavam às vezes de acantonamento: Aire, Bléssy, Mametz, meses mais tarde Laventie e Paradis, para Sérgio Santos; Vaudringim, Bléssy, Saily, Paradis, finalmente La Gorgue e Laventie, para José Dias da Conceição. Seis horas diárias de exercícios, marchas cansativas sob o peso do equipamento (*Praças – sargentos, cabos e soldados – em pé de guerra, oficiais em pé de paz*, notará José), frequência de cursos de especialização no campo de instrução de Marthes, cedido pelos ingleses. *Aí dava-se especial importância à esgrima de baioneta, levada ao exagero do “minuto da loucura”, ao lançamento de granadas de mão e de espingarda, aos gases e fumos, à camuflagem, às metralhadoras ligeiras e espingardas, ao tiro com diversas armas.* (S.S.) O sargento Santos tira em Marthes as especialidades de esgrima de baioneta e de granadeiro, o sargento Conceição, esta última. Cobia-lhes depois transmitir aos seus subordinados a instrução recebida.

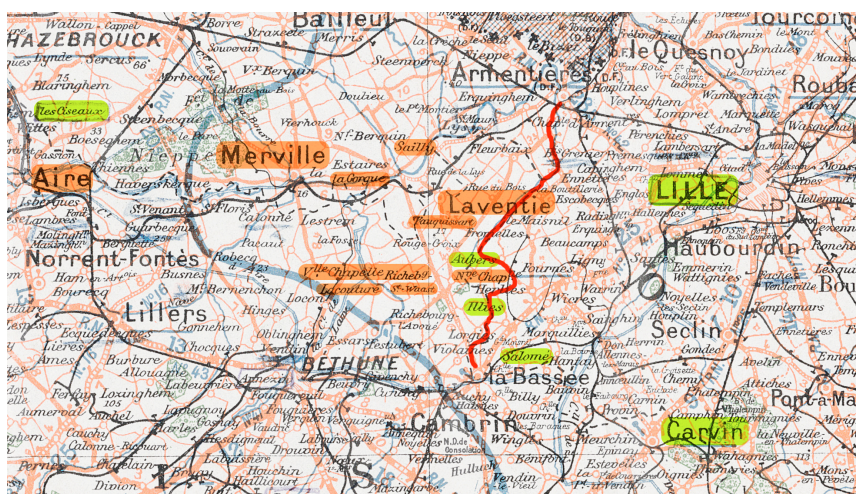
*Tornámo-nos dependentes dos ingleses em tudo. Foram eles que prepararam os nossos instrutores no campo de Marthes. Deles recebemos o armamento, as munições de guerra e as rações de subsistência. Eles nos forneceram o fardamento e calçado, quando o nosso necessitou de ser substituído.* (S.S.)

Os domingos, porém, eram dias de descanso. E os militares portugueses aproveitavam para passear até povoações mais importantes, como Aire e Merville, divertindo-se, ora na conquista das gentis francesinhas, ora deslizando em fila indiana nas valetas geladas. *Bons tempos aqueles!* - recorda José da Conceição.

Acabado o período de instrução, distribuídas armas e munições, seguiu-se o primeiro contacto com as trincheiras, sob supervisão inglesa: primeiro durante três dias na primeira e na segunda linhas, seguidos de um breve período de descanso nas aldeias, e novamente mais algumas semanas na frente, ainda com os ingleses.

Logo na primeira visita à “frente” José fica impressionado com o facto de ver trincheiras derrubadas em alguns pontos e outros vestígios de bombardeamentos recentes. Nota também o cheiro a pólvora queimada. E nunca pôde esquecer o que sucedeu nessa primeira visita, em que o alferes comandante do pelotão e o capitão comandante da companhia o deixaram abandonado nas trincheiras, a si e algumas dezenas de soldados, à espera de ordens que não chegaram, pelo que teve necessidade de pedir instruções aos oficiais ingleses, e recorrer ao seu auxílio para obter uma refeição quente para todos (recorde-se que José pertencia à secção de quartéis da sua companhia); e igualmente no final, para poder regressar ao aquartelamento e atravessar com um guia as linhas britânicas. Este episódio veio a valer-lhe a má vontade dos superiores imediatos visados e uma certa perseguição da parte destes.

Uma vez concluído o tirocínio com os ingleses, aos batalhões portugueses era destinado um sector da “frente”, cuja defesa assumiam com inteira responsabilidade, como unidades de combate. Nos primeiros dias o nervosismo era geral, fruto da inexperiência perante a proximidade do perigo. Sérgio não consegue pregar olho durante duas noites seguidas. José confidencia: *Pode dizer-se que ali éramos uns perfeitos recrutas. E recrutas não fazem o que os prontos fazem.* (J.C.) Mas a fleuma e o sentido de humor dos vizinhos ingleses, em todas as circunstâncias, acaba por transmitir alguma confiança às tropas portuguesas. E sobretudo o hábito.



6. Carta geográfica de França (pormenor). Assinalaram-se as povoações referidas por J. Conceição e S. Santos e a “frente” portuguesa.

Antes de continuarmos com os depoimentos dos nossos memorialistas, parecem-nos convenientes algumas explicações complementares. O sector português da “frente” estendia-se por uma linha de cerca de 12 km e ficava encravado no sector inglês, com o qual confinava tanto ao norte como ao sul. Essa linha ia desde a zona de Armentières, ao norte (ou à esquerda) até La Bassée, ao sul (ou à direita). Desde que o conflito se transformara numa guerra de posição, fora sendo construída uma complexa rede de defesas – trincheiras, abrigos e outros obstáculos - que, no período a que nos reportamos (1917-1918) abrangia cinco linhas sucessivas. A primeira linha de trincheiras, a mais próxima da primeira linha alemã e da intermédia “terra de ninguém”, era protegida a pequena distância por redes de arame farpado, e tinha sobretudo funções de observação, de vigilância e de aviso; aí se colocavam grupos de atiradores, granadeiros e metralhadoras ligeiras. A segunda linha era uma

linha de resistência, onde ficavam as metralhadoras e morteiros pesados, e também o comando de companhia, as cozinhas e o telefone. A terceira linha abrigava o comando de batalhão e tropas de reserva, que podiam ser chamadas a intervir em qualquer momento, e que se ocupavam também de reparações necessárias. Havia trincheiras de comunicação entre as três linhas avançadas. A quarta linha, também conhecida por Linha das Aldeias, ficava mais à retaguarda e era constituída por uma série de fortificações e abrigos aproveitando as ruínas das antigas aldeias abandonadas, onde estacionava a artilharia de campanha. A quinta linha, a cerca de três quilómetros de distância, era a chamada Linha do Corpo, constituída também por redutos, trincheiras e redes de arame farpado.

Acerca das trincheiras e do penoso quotidiano aí vivido, demos a palavra ao sargento Santos: *Como se sabe as trincheiras não eram formadas por linhas rectilíneas, no seu conjunto. Eram formadas por pequenos traços, ligados quase sempre em ângulo recto. Também não eram forçosamente cavadas no terreno. Na planície alagadiça da Flandres, onde os portugueses operavam, [algumas delas] eram feitas em perfil elevado, isto é, acima do solo, feitas com sacos cheios de terra, revestidos com grades de madeira na parte interior, e passadeiras também de madeira no fundo, por onde se transitava, sem humedecer ou enlamear os pés. O traçado das trincheiras em ângulos consecutivos permitia limitar os efeitos de bombardeamentos, e jogar às escondidas com os morteiros que voavam na nossa direcção. (...)*

*Alguns dos trabalhos diários eram a limpeza das trincheiras e a sua reparação nos locais atingidos pelas granadas. O armamento merecia cuidados especiais. As formaturas do “A postos” ao romper do dia e ao cair da noite, eram habituais e obrigatórias, para repelir um eventual assalto nas horas consideradas mais perigosas. Faziam-se rondas nocturnas frequentes.*

*O patrulhamento do espaço entre as duas primeiras linhas, chamado “terra de ninguém”, não se fazia diariamente no sector do Batalhão, mas era necessário fazer-se, por vezes, para manter o espírito de confiança e actividade das nossas tropas. (...)*

*A 1.ª linha alemã nem sempre estava inteiramente ocupada. E nós sabíamos-lo. Uma das missões mais importantes das patrulhas era saber até que ponto se achava guarnecida e em que estado se achavam as suas defesas acessórias, frequentes vezes marteladas pela nossa artilharia.*

*Durante o tempo que estive nas trincheiras coube-me fazer várias patrulhas, com efectivos pequenos de quatro a seis homens. (...) O comandante da patrulha ia sempre à frente. Os outros componentes seguiam-no, em fila indiana, rastejando quando era preciso. (S.S.)*



7. “Na trincheira” – Desenho aguarelado em diploma do C.E.P.

Numa dessas ocasiões de patrulhamento na terra de ninguém, estando a rastejar nas imediações da primeira linha alemã, o sargento Santos avistou, no meio da escuridão, um grupo de soldados inimigos. Por prudência retirou com os seus homens para a “terra de ninguém” e regressou às nossas trincheiras, mandando depois lançar uns *very-lights* e umas rajadas de metralhadoras em direcção à zona onde avistara os alemães. Apresentado o relatório da ocorrência, o comandante do batalhão, major Ferreira do Amaral – um oficial distinto, muito frontal, que granjeou o respeito e a dedicação dos seus subordinados – mandou chamar o sargento, censurou-o por ter evitado um combate corpo a corpo, e ordenou que na noite seguinte repetisse o serviço com os mesmos homens. Assim foi feito, mas passadas longas horas numa cova de granada à espera do inimigo, este não apareceu.

Outro episódio curioso passou-se com José Dias da Conceição. Gabando-se aos camaradas de que fora às trincheiras do inimigo num raid nocturno, perante a incredulidade daqueles prometeu que em breve teriam a prova. E na manhã seguinte lá estava uma bandeirola espetada no parapeito da primeira linha alemã, bem à vista de todos.

Na zona da “frente”, a guerra travava-se também no ar. *Aqui e além levantavam-se balões cativos, que davam indicações sobre correcções de tiro da artilharia e faziam a exploração do campo inimigo. (...) Estes balões subiam a mais de 300 metros e comunicavam telefonicamente com os comandos de que dependiam. Os seus observadores desempenhavam missões muito arriscadas. Quantas vezes eram obrigados a descer, tão rapidamente quanto podiam, para se furtarem ao ataque dos aviões de caça alemães, que tentavam incendiá-los com rajadas de metralhadoras. (...) A defesa antiaérea entrava rapidamente em acção.* (S.S.)

A luta aérea, violenta e espectacular, era seguida em terra com ansiedade e sobressalto: às vezes o observador da barquinha tinha que se lançar de pára-quedas, noutras um avião era atingido e despenhava-se em chamas.

A vida dura das trincheiras obrigava à frequente rotação de efectivos. Geralmente um batalhão ficava seis dias nas duas primeiras linhas, passando depois à condição de reserva ou apoio. Mas mesmo então o descanso era relativo, pois havia sempre reparações e outros trabalhos a fazer, e as granadas assobiavam sobre as linhas, podendo rebentar em qualquer delas. Só quando havia possibilidade de serem rendidas, as tropas gozavam um breve descanso, que nunca era total, em Paradis ou em Laventie.

A rotatividade das brigadas estendia-se também aos três subsectores em que estava dividido o sector português da “frente”: Fauquissart, ao norte, confinando à esquerda com os ingleses; Neuve Chapelle, ao centro; Ferme du Bois, ao sul, com os ingleses encostados à direita.

A primeira divisão portuguesa foi a primeira a assumir em pleno a defesa da “frente”, a partir de 15 de Junho de 1917. Ao batalhão de Infantaria 15 (o do sargento Sérgio Santos) coube o sector de Fauquissart, depois o de Neuve Chapelle. Só em Dezembro, isto é, após cinco meses e meio consecutivos na zona de combate, gozou um mês de descanso em Paradis, onde passou um Natal branco e frio, regressando à “frente” no início de Janeiro.

A 2.<sup>a</sup> divisão entrou no sistema de rotatividade na segunda quinzena de Setembro. O batalhão de Infantaria 8 (o de José Dias da Conceição) está nas trincheiras a partir de 23 desse mês, ficando primeiro no sector de Neuve Chapelle, depois no de Fauquissart. Foi rendido a 1 de Janeiro de 1918, depois de uma noite de Natal sob fuzilaria dos dois campos, passando o mês de Janeiro em La Gorgue, em descanso. Aí José conheceu Marie Louise, uma jovem em cuja casa estava instalado. De regresso às primeiras linhas, sempre que lhe era possível dava uma fugida a La Gorgue, para passar com Marie Louise uns breves momentos. Dessa convivência ficou-lhe uma saudade muito especial: *Não posso nunca esquecer o bem que ela me fez, e todo o meu desejo era um dia agradecer-lhe.* (J.C.)

A vida nas trincheiras era um inferno que se agravava com o passar dos meses: frio, chuva, lama; privação de sono e de descanso; atenção vigilante, rondas, patrulhas, recontros com forças inimigas; o matraquear das metralhadoras e o sibilar das granadas; a iminência do perigo; a visão dos camaradas mortos ou feridos; o



cansaço físico; o estado permanente de tensão; o desânimo gerado pelo sentimento de abandono da parte do governo português; a descrença no fim próximo de um conflito que parecia sem sentido; o entusiasmo inicial transformado em resignação.

A partir de Janeiro de 1918, a situação tornou-se cada vez mais difícil. *Os ataques de morteiros e de artilharia tomaram um novo aspecto, com vista a provocar o abatimento moral e físico dos portugueses. Começavam repentinamente em concentrações maciças sobre zonas determinadas, parando de súbito, para cair novamente em outro lugar, martelando, desgastando, na perspectiva da morte a qualquer momento! Assim nos aguentámos mais de três meses.* (S.S.)

Sabe-se hoje que o ataque alemão vinha a ser cuidadosamente preparado. A partir de 25 de Março, ao Estado-maior do C.E.P. chegavam informações que indiciavam uma ofensiva iminente, mas o comando inglês apostava em que os alemães atacariam em força noutra zona e que os sinais detectados seriam apenas uma manobra de diversão.

Do lado português, soldados e oficiais acusavam cada vez mais a longa permanência em campanha. O Batalhão de Infantaria 7 insubordinou-se. As baixas aumentavam e às praças faltava o necessário enquadramento, pela carência de oficiais. Os relatórios dos comandantes de brigada feitos nos primeiros dias de Abril revelavam um exército no limite das suas forças, sem esperança de ser rendido a breve prazo, esgotado e desmoralizado. Em função disso, os ingleses acordaram finalmente em substituir as nossas duas divisões por tropas frescas, inglesas e escocesas. A rendição na “frente” devia começar a efectuar-se a partir do dia 9 de Abril. Os historiadores acreditam que os alemães estariam na posse dessa informação, e que escolheram a data em que uma troca de efectivos fragilizava ao máximo a defesa de um sector já de si fragilizado.

A 9 de Abril, a “frente” portuguesa estava a ser defendida pelas três brigadas da 2.<sup>a</sup> divisão; em reforço divisionário estava a 3.<sup>a</sup> brigada, da 1.<sup>a</sup> divisão, tendo a 1.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> seguido, a 8, para descanso prolongado na retaguarda.

O sargento José Dias da Conceição encontrava-se na primeira linha no subsector de Fauquissart e relata o que aí se passou.

*A noite apresentava-se com um aspecto triste e melancólico; o orvalho e o nevoeiro completavam a scena (...) Mesmo assim, os soldados do Minho lá estavam ao parapeito, com a sua habitual manta pelos ombros, espreitando o inimigo; enquanto eu, rondando e horientando o serviço deles, cumpria o meu dever. (...) São quatro horas. (...) [Acabado o serviço de ronda], ainda acordado mas já deitado entre mantas sobre um estrado de madeira, fui surpreendido a esta hora matutina, com o troar de um canhão, que das bandas dos alemães, se fez ouvir por quatro vezes distintas. Levanto-me; medito um pouco, e a breve tempo volto a ouvir o troar do canhão (mas desta vez não era um nem dois, mas sim talvez todos ou quase todos que deviam haver na frente alemã) com uma intensidade formidável. Era um verdadeiro trovão, naquelas noites de Inverno, uma autêntica trovoada. (...) Aqueles clarões que a muito custo rasgavam o nevoeiro, aqui, ali, acolá, dava-me a impressão de relâmpagos; a confusão das bocas de fogo, a troar a porfia, a ver qual delas, lançava mais metralha sobre a frente portuguesa pareciam-me inconfundivelmente, como trovoada contínua. É a melhor edeia que aqui posso deixar escrita sobre o bombardeamento que durou 4 horas mais ou menos seguidas. (...) Mas que chuva de metralha, santo Deus! Já não era só a artilharia inimiga! É também a nossa, que respondia com violência. (J.C.)*

Efectivamente, todas as linhas, as estradas e os postos de comando dos batalhões e das brigadas estavam a ser fustigados pelo fogo da artilharia alemã. O sargento Conceição corre ao posto de comando do pelotão, a solicitar very-lights (foguetes iluminantes) e instruções. É-lhe ordenado que todos os soldados em descanso nos abrigos avancem para a banquetta da trincheira para vigilância e para repelir eventual ataque inimigo. Assim faz, juntamente com o segundo sargento Sebastião Pereira Coutinho, instalando-se ambos num posto de granadeiros e atiradores, ele mais à esquerda, o camarada mais à direita. Mas os very-lights não conseguiam vencer o espesso nevoeiro e a força da artilharia inimiga não parava, metralhando todas as linhas, ora com tiro curto, ora alargado, cortando todas as comunicações. A situação tornava-se angustiante.

*Eu não via apenas [sequer] um soldado, eu não tinha comunicação com o comandante do pelotão, nem tão pouco com os outros postos, eu não podia mandar resistir nem retirar, pois que eu não tinha essa competência (...) eu estava constantemente a ver quando chegava ordem de evacuação ou qualquer outra ordem. (J.C.)*

Com grande parte dos parapeitos das trincheiras já destruídos e vendo o perigo que corria a guarnição do posto, José tem que tomar uma decisão: manda aos seus soldados que se dispersem e procurem uma qualquer zona menos batida. Ele, o sargento Coutinho e dois soldados permanecem no posto. Até que, cerca das nove horas, um outro dos seus homens avisa, gritando, que os alemães já ali estavam. De facto, *eles chegaram ao parapeito de surpresa, devido ao grande nevoeiro os não deixar ver. Os alemães, vendo-nos gritaram, ei! ei! ei! E nisto batem seguidamente o meu posto à granada de mão, a qual segunda granada veio cair no nosso meio, ferindo-nos a todos quatro.* (J.C.)

José fica caído de bruços no fundo da trincheira, gravemente ferido na face e na perna direita. É então que um soldado alemão, apontando-lhe a baioneta calada na espingarda, o manda, repetidamente, avançar. Só a visão da morte lhe dá forças para se erguer sobre os braços e a perna esquerda e transpor o parapeito, deixando-se cair por terra diante do inimigo. É patética a descrição desses momentos: *la batalhando com a morte que me ia espreitando, batendo no terreno enlameado com as mãos, o cabelo solto ao vento, todo ensopado em sangue e lama, chamando pela minha Pátria, pelos meus companheiros de sacrifício de guerra, pelos meus pais e irmãos.* (J.C.) Ao mesmo tempo vai pedindo socorro aos alemães, por gestos, para que o pensassem. E foi um soldado alemão que lhe estendeu um cantil para lavar a boca ensanguentada, enquanto esperava caído até que os maqueiros lhe fizessem um primeiro penso. *E assim terminou a minha carreira de combatente dos aliados, para ficar prisioneiro dos alemães, depois de ferido gravemente (...) no ataque à 1.ª linha Portuguesa no sector de Fauquissar I (Lavantie)* (J.C.).

Toda a primeira linha foi rapidamente ocupada. Abrindo uma brecha entre o sector inglês, que também foi atacado, e o sector português, os alemães efectuaram então uma manobra de envolvimento das nossas tropas pelos flancos e pela retaguarda. A segunda linha e a terceira, bem como as baterias de artilharia, ofereceram a resistência possível, que estava terminada ao fim da manhã.

Em reserva da segunda divisão, que, como se disse, guarnecia a “frente”, estacionava mais à retaguarda, dispersa na chamada linha do Corpo, a 3.ª brigada da 1.ª divisão, composta pelos batalhões de Infantaria 9, 12, 14 e 15, com ordem para retirar na manhã do dia 9. Nessa madrugada, o segundo sargento Sérgio Augusto dos Santos estava acantonado em Croix Marmousse, quando a sua companhia, perante a força do bombardeamento inimigo, foi mandada seguir para a linha das aldeias, com ordem de defender os diversos redutos. A partir do cruzamento de Zelobes, o avanço tornou-se difícil; em face do que a 1.ª e a 3.ª companhias derivaram para a direita, juntando-se às tropas inglesas. Porém a 2.ª e a 4.ª companhias, com alguns elementos do comando, entre eles o comandante da 2.ª companhia, tenente Gustavo Pires de Figueiredo, conseguiram, em grande parte e a muito custo, atingir, respectivamente, Richebourg S. Vaast e Lacouture, onde resistiram até ao fim, como lhes havia sido determinado. O sargento Sérgio Augusto dos Santos, que comandava um pelotão da 2.ª companhia, conta-nos o que se passou em Richebourg, e que os historiadores geralmente ignoram ou omitem.

*No reduto de Richebourg S. Vaast, ocupado pelos 1.º e 2.º pelotões da nossa companhia, o combate foi mais curto que o de Lacouture, mas creio que mais violento e brutal. Às 10 horas já estava por nós ocupado, mas o bombardeamento da artilharia ainda continuava, fazendo algumas baixas entre os 70 ocupantes. Pouco tempo depois, o tiro foi alongado, começando a divisar-se ao longe, tanto quanto a neblina o permitia, o movimento de soldados isolados seguidos de uma formação em ordem unida (um pelotão) que identificámos como alemães.*

*A cerca de 200 metros foi aberto fogo simultâneo por toda a guarnição, reforçado com uma metralhadora ligeira. Os efeitos foram terríveis naquela formação, que caiu por terra como que fulminada. Nesta primeira parte obtivemos um êxito total. Porém, os alemães não desistiram do seu intento. Começaram então a montar um verdadeiro ataque, de mais longe, apoiados com metralhadoras pesadas, que rasavam o nosso parapeito. Nós opúnhamo-nos com toda a força ao avanço frontal, mas o cerco já se desenhava pelos flancos, longe do alcance eficaz das nossas armas, ameaçando envolver-nos pela retaguarda. (...)*

*O combate foi árduo e sangrento, aumentando de intensidade a cada momento. (...) O comandante tenente Pires de Figueiredo expunha-se para dar o exemplo aos seus subordinados, sendo atingido no ombro por uma rajada de metralhadora. (...) Os graduados, não só combatiam com as espingardas a escaldar as mãos, como incitavam os seus soldados a defender-se até ao último cartucho, mas tudo tem um fim. As munições começavam a faltar, o fogo a enfraquecer. Passadas horas difíceis, penetrou no reduto, pela retaguarda, um oficial alemão seguido por muitos soldados. A confusão foi tremenda. Num breve duelo à pistola (...) entre o oficial alemão e o alferes Andrade [comandante de pelotão], este caiu redondamente, atingido numa perna. O resto da guarnição (...) sem mais possibilidade de resistência, cessou de combater, depondo as armas (...).*



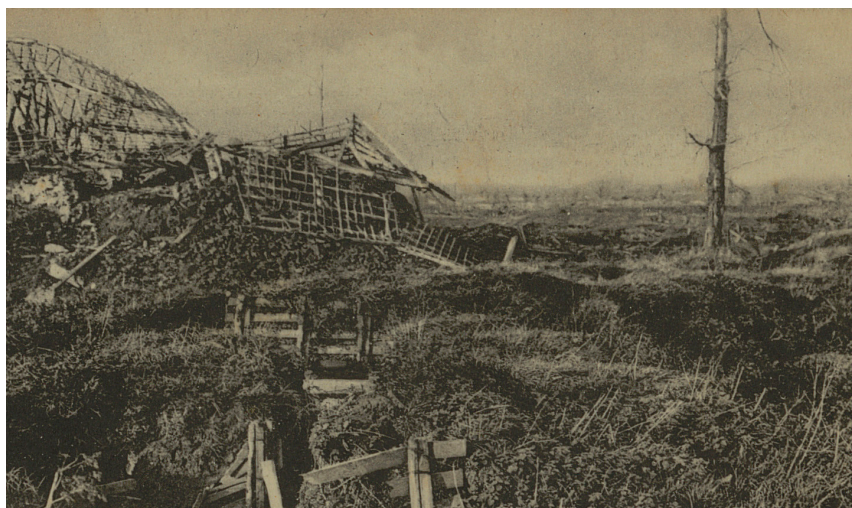
8. Ruínas da Igreja de Richebourg S: Vaast depois da combate (Foto Garcez)

A ocupação de Richebourg S. Vaast terá custado aos atacantes cerca de 60 mortos e muitos feridos. E em Lacouture já não será cometido o erro de um ataque frontal.

Nas “Memórias” do sargento Santos está incluído um depoimento presencial da resistência em Lacouture. Trata-se da cópia da declaração prestada no comando do C. E. P. pelo seu camarada de evasão Baltazar de Castro, em 22 de Junho de 1918, arquivadas com a chancela de “confidencial”.

O segundo sargento Baltazar de Castro pertencia, como Sérgio Santos, à 2.ª companhia de Infantaria 15, mas a outro pelotão, de que comandava uma secção. Naquela manhã de 9 de Abril estava entre os efectivos a quem foi ordenado marchar para Lacouture e assumir a defesa do reduto. O trajecto foi cumprido com grande dificuldade. Quando chegaram, já aí se encontravam praças de Infantaria 13 e dois oficiais ingleses com alguns soldados; mais tarde chegarão majores e os comandos de Infantaria 13 e 15, e mais alguns soldados deste último batalhão. Combateram nas trincheiras até cerca das 11 horas, retirando então para o reduto, uma casa seteirada junto à igreja. Resistiram durante todo o dia e toda a noite seguinte, infligindo muitas baixas ao inimigo fazendo fogo de espingarda através das seteiras das casas, sem receberem comunicação alguma nem sinal de reforços. Os alemães mandaram um primeiro ultimato de rendição, um segundo, um terceiro. Só então o major Peres saiu a parlamentar e, no regresso mandou depor as armas. Quando, desarmados, os sitiados começaram a sair, com os ingleses à frente, foram violentamente atacados pelos alemães, com pesadas baixas da nossa parte. Aquele grupo, isolado, resistira durante mais de 24 horas.





9. A devastac o em La Couture (Foto Garcez)

Nos três depoimentos que seguimos, revisit mos a batalha de La Lys segundo três perspectivas diferentes: a de um combatente na primeira linha, e as de dois resistentes na linha das aldeias, um em Richebourg, outro em Lacouture.

Ao ataque desencadeado a 9 de Abril contra os sectores portugu es e inglês no vale do rio Lys, os alemães deram o nome de código de “opera o Georgette”; os ingleses conhecem-no por “batalha de Arment eres”. A designa o, porém, pouco importa. O que convém reter   que a brecha aberta pelos alemães na linha da frente não ultrapassou uns 15 km de profundidade e, depois de algumas dificuldades, a ofensiva veio a ser contida, a 29 de Abril, pelas tropas aliadas. A batalha do vale do Lys não teve efeitos decisivos no desfecho da guerra.

Já para o C.E.P. as consequências foram desastrosas: as elevadas baixas sofridas entre mortos, feridos e sobretudo prisioneiros; os efeitos psicológicos no moral das tropas; e a profunda desorganiza o das estruturas militares, nunca foram completamente ultrapassados. E para os cerca de 6585<sup>2</sup> prisioneiros c idos em poder dos alemães, como José Dias da Concei o e Sérgio Augusto dos Santos, a odisseia mais gravosa ia começar.

O sargento Concei o, ferido por estilhaços de granada na perna direita e na face, com perda de três dentes, depois de uma longa espera deitado na terra de ninguém, acabou por ser levado até a um posto de socorros, primeiro arrastando-se arrimado a um cabo de metralhadoras e a um pau, depois transportado por camaradas em dois capotes a servir de maca. Foi pensado e ao fim da tarde do dia 10 foi conduzido, de comboio e de auto maca, ao hospital militar de Lille, onde era um dos raros feridos não alemães, e onde esteve internado durante 25 dias em condi es idênticas às dos outros pacientes. Uma enfermeira francesa incutia-lhe alguma esperança numa paz próxima e, às escondidas conseguiu oferecer-lhe cigarros e bolachas. Levaram-no depois, em carro de cavalos, para o hospital de Tournai, só para prisioneiros, onde havia feridos de várias nacionalidades, e onde foi tratado por médicos portugueses também prisioneiros. Após uma curta permanência de três dias, juntamente com outros sargentos e soldados portugueses e alguns soldados ingleses, foi transferido para a Alemanha, numa

<sup>2</sup> Afonso; Gomes, 2014, vol.5, p. 26.

viagem que durou dois dias de comboio, até ao campo de Cassel. Passou ainda cerca de um mês no “lazareto” (enfermaria) do campo, mas, estando quase restabelecido, foi mandado juntar aos restantes prisioneiros, e assim permaneceu aproximadamente outro mês.

*Nesse campo passámos muita fome, pois que o tratamento era cogumelos, erva de trigo cozida, trigo cozido, beterraba azeda que ninguém podia tragar, enfim comidas sem tempero algum, comia-mos peor do que os porcos. (J.C.)* Em resposta a um seu pedido, recebeu, a 28 de Junho, a primeira encomenda do Comité português da Cruz Vermelha instalado na Suíça, que se repetiu de 15 em 15 dias, com alguns bens como toucinho, feijão, bolachas, chá e sabão, que rapidamente se esgotavam e que não obstaram a que o sargento Conceição enfraquecesse bastante.

De Cassel seguiu para o campo de Crossen, em viagem que durou dois dias. Foi então obrigado a trabalhar durante um mês numa oficina de serralharia onde se fabricavam portões de ferro para campos de aviação. Além de dois portugueses, nesta pequena fábrica trabalhavam prisioneiros franceses, ingleses, italianos e russos. José sentiu-se estimado pelos patrões, o trabalho ajudava a passar o tempo, a comida era boa, o alojamento regular, e havia um salário de dois marcos por dia, mas os trinta francos que conseguiu juntar foram-lhe roubados de debaixo do travesseiro.

Seguiu-se mais uma transferência, dessa vez para o campo de Cottbus I, destinado a sargentos, onde a situação era tão má como em Cassel, e onde permaneceu durante largos meses. Em Cottbus I escreveu a primeira versão das suas memórias, num caderno em que também registava a correspondência expedida, bem como a correspondência e as encomendas recebidas, tanto da família como do Comité Internacional e do Comité Português da Cruz Vermelha. As primeiras notícias de Barcelos chegaram-lhe a 9 de Setembro, isto é, cinco meses após ter sido feito prisioneiro.

Imagina-se com que alegria e esperança José anotou a data do armistício, a 11 de Novembro. Na noite de Natal seguinte conseguiu fazer rabanadas e mexidos, e na passagem de ano, fez noitada, numa confraternização com os franceses e ingleses do campo, com os respectivos estandartes. No dia da libertação, em 9 de Janeiro de 1919, os nossos sargentos percorreram as ruas com a bandeira nacional desfraldada, a cantar a Portuguesa e a dar vivas aos aliados. Seguiram então para França, entrando pela Lorena, sendo finalmente repatriados.

O percurso e a história do sargento Sérgio Santos foram bastante diferentes. Após a capitulação em Richebourg S. Vaast, os prisioneiros válidos foram imediatamente mandados seguir para as linhas da frente, já ocupadas pelos alemães, para transporte de feridos e reparação de caminhos e trincheiras, de modo a permitir a passagem da artilharia e viaturas. Ao anoitecer foram enviados, em grupos, para um campo de concentração em Salomé, onde foram marcados com números nas costas e preencheram uma ficha de identificação. Só no dia 10 pelas 17 horas receberam os primeiros alimentos, que aliás não chegaram para todos. Nesse dia marcharam para Carvin, onde permaneceram até ao dia 19, partindo então para Lille. Ficaram encarcerados durante 35 dias no forte da cidade, onde chegou a haver 5 a 6 mil homens, portugueses, franceses e principalmente ingleses. No forte de Lille as condições eram terríveis; devido ao calor e à praga de piolhos, os prisioneiros andavam nus nas casernas, e eram escarnecidos pelos alemães, que chegavam a mostrar-lhes pão que lhes negavam. No dia 26 de Maio, prisioneiros portugueses e ingleses foram mandados para Aubers e aí continuaram até 11 de Junho, data em que os portugueses recolheram ao campo de Illies. Este será o último campo de cativeiro do sargento Sérgio Santos, que não chegou a sair da região de Lille, na Flandres francesa.

Em Illies Sérgio encontrou o seu camarada da 2.<sup>a</sup> companhia do batalhão de Infantaria 15 sargento Baltazar de Castro e ambos começaram a premeditar a evasão. Nas saídas para trabalhos no exterior procuraram colher informações e obter alguns pães, por troca com os poucos bens que possuíam. Os cerca de 300 prisioneiros estavam instalados numa antiga fábrica de açúcar em cuja parede da retaguarda havia um pequeno orifício feito por uma granada. Às ocultas o buraco foi sendo alargado. O despenseiro foi obrigado a entregar-lhes umas conservas. Todos sabiam o que se preparava; ninguém o denunciou, e só cinco homens estavam decididos tentar a sorte.

E na noite de 16 para 17 de Junho, apenas dois, Sérgio e Baltazar, conseguiram fugir. A fuga era muito arriscada, pois teriam que percorrer cerca de 20 km no raio de alcance de bombardeamentos dos dois lados e atravessar as linhas inimigas e a terra de ninguém. Só a coberto da noite podiam caminhar ou rastejar, guiados pelos clarões dos very-light. De dia permaneciam escondidos, ora num valado sob verdura, numa mata de sabugueiros ou na cova aberta por um morteiro. Na noite de 17 de Junho um ataque de gás obrigou-os a refugiarem-se no cimo de uma árvore; na noite seguinte, desorientaram-se, tiveram que retroceder e escaparam por pouco a um ataque à granada de mão; na noite de 19, suportaram um bombardeamento da artilharia inglesa. Nessa madrugada atingiram finalmente as linhas britânicas no sector de Givenchy, entregando-se a uma patrulha de ronda. Sempre bem recebidos pelos ingleses, passaram sucessivamente pelas diversas cadeias de comando, a quem prestaram informações de natureza militar, como a existência de um canhão de longo alcance e de um parque de viaturas nos arredores de Illies. Finalmente, foram entregues à Missão de Ligação Portuguesa junto do Exército Inglês, e levados para o Quartel-General do C.E.P., onde prestaram novas declarações.

Ainda decorreram cerca de quatro meses antes que Sérgio Santos pudesse, na segunda quinzena de Outubro, pouco antes da assinatura do armistício, tornar a Portugal, via Paris, onde esteve três dias, e Brest.

Trazia consigo o louvor concedido pelo comandante do seu batalhão, major Ferreira do Amaral em 14 de Julho: *porque tendo caído nas mãos do inimigo durante a Batalha de Sur La Lys de 9 de Abril, em que a sua companhia tomou parte, empregou todos os esforços para de libertar em 16 de Junho, correndo os riscos inerentes ao acto que praticou.* E trazia também a Ordem de Serviço do C.E.P., datada de 5 de Outubro, em que fora louvado *pela bravura, isenção e coragem de que deu provas no combate de 9 de Abril último, incutindo valor e ânimo às praças da 2.ª companhia que no posto de Richebourg S. Vaast se bateram durante quatro horas sucessivas, só se rendendo quando tendo os oficiais gravemente feridos, faltando-lhe munições e achando-se em grande inferioridade numérica, se lhe tornou impossível resistir ao inimigo que o cercava.* Na sequência deste louvor, na mesma Ordem de Serviço do C.E.P. o segundo sargento Sérgio Augusto dos Santos foi condecorado com a Cruz de Guerra de 2.ª classe e promovido por distinção ao posto de primeiro sargento.



10. Condecorações de Sérgio Santos relativas à sua participação na Grande Guerra: 1. França 1917-1918; 2. Comemorativa da Vitória; 3. Cruz de Guerra de 2.ª classe; 4. Promoção por distinção.

Também o segundo sargento José Dias da Conceição trará da guerra umas medalhas muito especiais que o acompanharão durante toda a vida: uma cicatriz na face e, na perna direita, uns pequeninos estilhaços de uma granada alemã.

As memórias de guerra de José e de Sérgio não pertencem, como outras, à literatura de justificação. Os seus autores não pretendiam provar nada, não tinham que provar nada. Não eram oficiais superiores ou subalternos, mas simples sargentos que, dia e noite, partilhavam com os seus homens o quotidiano das trincheiras. Não procuravam um público, escreviam para si próprios. As suas narrativas eram exercícios de libertação, catarse ou exorcismo de vivências emotivamente muito fortes, como são geralmente as recordações de guerra.

Em plena comemoração do centenário da Grande Guerra, apresentamos hoje excertos dessas memórias tanto tempo guardadas, na convicção do seu interesse e do seu valor enquanto testemunhos históricos.

## BIBLIOGRAFIA

### Obras manuscritas

Conceição, José Dias da, 1918 – *Copiador N.º 1*, caderno, 40 pp..

Conceição, José Dias da, s/ data – *A odisseia de um voluntário na vida militar: Para a história da Grande Guerra*, caderno, 80 pp.

### Obra dactilografada

Santos, Sérgio Augusto dos, 1972-1974 – *Memórias particulares dum combatente da 1.ª Grande Guerra expedicionário a Cabo Verde na 2.ª*, 124 pp..

### Obras impressas

Afonso, Aniceto; Gomes, Carlos de Matos (coord.), 2014 – *Portugal e a Grande Guerra*, 6 vols. Vila do Conde: Verso da História.

Afonso, Aniceto, 2013 – 1914-1918: *Grande Guerra*. Col. Grandes Batalhas da História, vol.7. Vila do Conde: Verso da História / Expresso.

Cardoso, Rui; Ramalho, Margarida Magalhães; Marques, Ricardo, 2014 – *A primeira guerra mundial*, vol.7. Lisboa: a esfera dos livros / Expresso.

Cidade, Hernâni, 1935 – Portugal na Guerra Mundial, in Peres, Damião (coord.) – *História de Portugal*, vol.7. Barcelos: Portucaleense Editora.

Dionísio, Sant'Anna, 1972 – O que foi em 1918 o chamado desastre de nove de Abril, *O Primeiro de Janeiro* de 20.07.1972.

Gilbert, Martin, 2014 – *A primeira guerra mundial*, 6 vols. Lisboa: a esfera dos livros / Expresso.

Keegan, John, 2014 – *A primeira guerra mundial*. Porto: Porto Editora.